

Convívio em redes socio-espaciais em assentamentos precários

Um esforço de caracterização em Maceió-AL

Sofia Pessoa Lira Souza, Augusto Aragão de Albuquerque,
Andrea Moreira Gonçalves*

Resumo As redes de sociabilidade são importantes instrumentos de combate à pobreza, pois suprem a ineficácia do Estado. Sob esta lógica, desenvolvemos uma metodologia para sua identificação e caracterizamos suas relações de troca. Realizamos um Estudo de Caso no Conjunto Vitória, em Maceió-AL, levantando suas redes sociais, o histórico de sua ocupação e os diferentes níveis de interação social e relações de trocas que ali ocorrem. Para caracterização das relações, utilizou-se os valores descritos por Baudrillard. Como resultado, observou-se que as relações podem ser regidas pelos três tipos de valores investigados: valor de troca, troca simbólica e valor de signo.

Palavras-chave: redes sociais, sociabilidade, trocas.

Coexistence in socio-spatial networks in precarious settlements A characterization effort in Maceió-AL

Abstract Sociability networks are important tools for fighting poverty, as they suppress the inefficiency of the State. Under this logic, was developed a methodology for its identification and characterize its exchange relationships. A case study was carried out at "Conjunto Vitória", in Maceió-AL, collecting data about social networks, the history of its occupation and the different levels of social interaction and exchange relations that take place there. Values described by Baudrillard were used for relations characterization. As a result, it was observed that relations can be governed by the three types of values investigated: exchange value, symbolic exchange and sign value.

Key words: social network, sociability, exchanges.

Convivencia en redes socioespaciales en asentamientos precários Un esfuerzo de caracterización en Maceió-AL

Resumen Redes de sociabilidad son instrumentos de combate a la pobreza, pues suplen la ineficiencia del Estado. Desarrollamos una metodología para su identificación y caracterizamos sus relaciones de intercambio. Realizamos un Estudio de Caso en el Conjunto Vitória, en Maceió-AL, levantando sus redes sociales, el histórico de su ocupación y los diferentes niveles de interacción social y relaciones de intercambios que allí ocurren. Para caracterización de las relaciones, se utilizaron los valores descritos por Baudrillard. Como resultado, se observó que las relaciones pueden ser regidas por los tres tipos de valores investigados: valor de intercambio, intercambio simbólico y valor de signo

Palabras clave: redes sociales, sociabilidad, intercambios.

O convívio nas cidades é marcado por diversas facetas, configurações, tipos de interesse, níveis de envolvimento, interação e organização, dentre outros aspectos. Muitas vezes, índices e parâmetros, vinculados a este vasto tema, levam-nos a avaliar a força ou a fragilidade dos nós, conexões e relações detectadas em determinado espaço de convivência. Principalmente pelos resultados obtidos na configuração da localidade em questão, na qualidade das condições de habitação, no seu sentido mais amplo, o que envolve elementos ligados direta e indiretamente à moradia, propriamente dita.

Estamos tratando da habitação no que tange às condições de saúde, educação, acessibilidade, mobilidade, segurança, fatores que caracterizam o ambiente onde os cidadãos convivem, realizam suas trocas e se apropriam da cidade. Apropriação esta que se exprime na forma de relacionamentos mais ou menos igualitários, livres, recíprocos e gratuitos ou: os típicos relacionamentos em sociedade. O estudo das redes sociais é um recorte que auxilia na avaliação do *status* desses relacionamentos e suas consequências no cenário urbano e nos intercâmbios, embates e conflitos presentes no cotidiano das cidades.

Pesam sobre as configurações das redes, objeto do nosso olhar, sua volatilidade e fortalecimento mediante objetivos comuns, contudo, variáveis e mutantes, conforme os contextos nos quais se realizam. E elas revelam a vitalidade, a capilaridade e a função social a que se propõem, com ou sem intencionalidade. Características essas que tornam essas redes essenciais na conquista dos avanços sociais pretendidos ou não por seus protagonistas e o seu estudo fundamental para ampliar a nossa compreensão do microambiente no qual a prática da política concorre para o futuro da democracia no macroambiente político e socioeconômico.

Esse Trabalho, apresenta-se parte dos resultados de uma pesquisa sobre Tecnologia Social na Habitação (com financiamento Finep e CNPq) e parte dos resultados de uma dissertação. Enquanto na pesquisa foram desenvolvidas e aplicadas metodologias de identificação de redes socioespaciais em assentamentos precários - especificamente o Conjunto Vitória, em Maceió-AL - na dissertação, procedeu-se uma avaliação qualitativa de parte da rede identificada na pesquisa, decorrido mais de um ano do levantamento inicial.

No recorte empírico, a escolha pelo estudo das redes socioespaciais ocorreu devido ao aparente baixo engajamento político na luta pela moradia percebido na cidade de Maceió. Esses indicadores de engajamento se evidenciam na Pesquisa de Mapeamento e Qualificação da Exclusão Social dos Territórios de Abrangência dos CRAS de Maceió-AL, cujos resultados apontam na direção de uma notável fragilidade do envolvimento da população na luta pelos direitos sociais básicos e um grande temor da população de se dedicar às causas sociais em um ambiente político marcado pelo coronelismo e a repressão.

*Sofia Pessoa Lira Souza é Arquiteta e Urbanista, doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-0014-5491>>. Augusto Aragão de Albuquerque é Arquiteto e Urbanista, professor associado da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-3709-2522>>. Andrea Moreira Gonçalves é Jornalista, professora do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas, ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-3298-3975>>.

Em contrapartida, ao estudar as relações socioespaciais com o recurso das teorias sobre as redes sociais, foi possível perceber e valorizar as relações travadas em assentamentos precários que possibilitam a provisão de serviços urbanos básicos necessários à sua subsistência das comunidades. Relações essas que, mesmo de maneira informal e sem o peso da estruturação institucional, melhoram o convívio na cidade.

Por meio de três agentes sociais engajados e envolvidos na luta pela moradia, chegamos ao Conjunto Vitória, em Maceió - AL. Naquele lugar, ao mesmo tempo em que os moradores sofrem com a falta dos serviços básicos, eles apresentam um nível de organização ainda primário, mas que possibilita a provisão de recursos necessários à sua subsistência, tais como redes alternativas de água e de energia elétrica. O Conjunto Vitória é também uma ocupação típica do município de Maceió, porque está instalado em um terreno alto, em forma de tabuleiro, com encostas e vales também ocupados e a particularidade de um risco a mais, por se localizar abaixo de um trecho de rede elétrica.

A pesquisa qualitativa foi aplicada a um recorte da rede identificada pela principal âncora, ou seja, o domicílio com maior número de indicações no levantamento inicial: o 52D. Com a avaliação qualitativa, foi possível traçar respostas para questões relativas os diferentes níveis de interação social e relações de trocas que ocorrem nesta rede e a estabilidade das redes detectadas anteriormente. Um subproduto importante obtido com essa pesquisa foi um histórico – ainda que superficial – da localidade pesquisada.

Essa pesquisa identificou um âncora (ambiente de convergência) cujas relações em torno de seus representantes podem ser regidas pelos três tipos de valores investigados nessa pesquisa: valor de econômico, valor simbólico e valor sîgnico. Existe uma farta base teórica a respeito desses valores no campo sociológico e urbanístico. Detivemo-nos aos conceitos elaborados por Jean Baudrillard, que resumimos no corpo do artigo que conta ainda com: uma descrição sumária da área estudada, sua evolução em um arco temporal de 10 anos, um resumo da metodologia de pesquisa e do teor das entrevistas realizadas, uma análise das mesmas no confronto com os critérios escolhidos e, naturalmente, algumas considerações finais.

Redes sociais do Conjunto Vitória

“Conjunto Vitória” foi o nome escolhido pelos moradores da localidade onde residem. Trata-se de um trecho do bairro Petrópolis, por sua vez, localizado na parte alta da cidade de Maceió, Alagoas. A área tem formação geográfica caracterizada por tabuleiros. Em seu entrono, estão os bairros de Santa Amélia, Tabuleiro dos Martins, Santa Lúcia, Jardim Petrópolis, Santo Amaro, Canaã, Chã da Jaqueira e Chã de Bebedouro (Figura 1). Grande parte dessa região foi formada a partir de loteamentos e conjuntos habitacionais.

As diretrizes do Plano Diretor de Maceió (MACEIÓ, Prefeitura Municipal. 2006), para a urbanização do bairro do Petrópolis, estimulam a ocupação em áreas próximas à Av. Durval de Góes Monteiro, com múltiplos usos. Segundo o Plano Diretor, a área apresenta potencial de ocupação devido à sua condição de articulação com a principal via da cidade – a Av. Fernandes Lima – o que implica em uma significativa centralidade (MACEIÓ, Prefeitura Municipal. 2006).

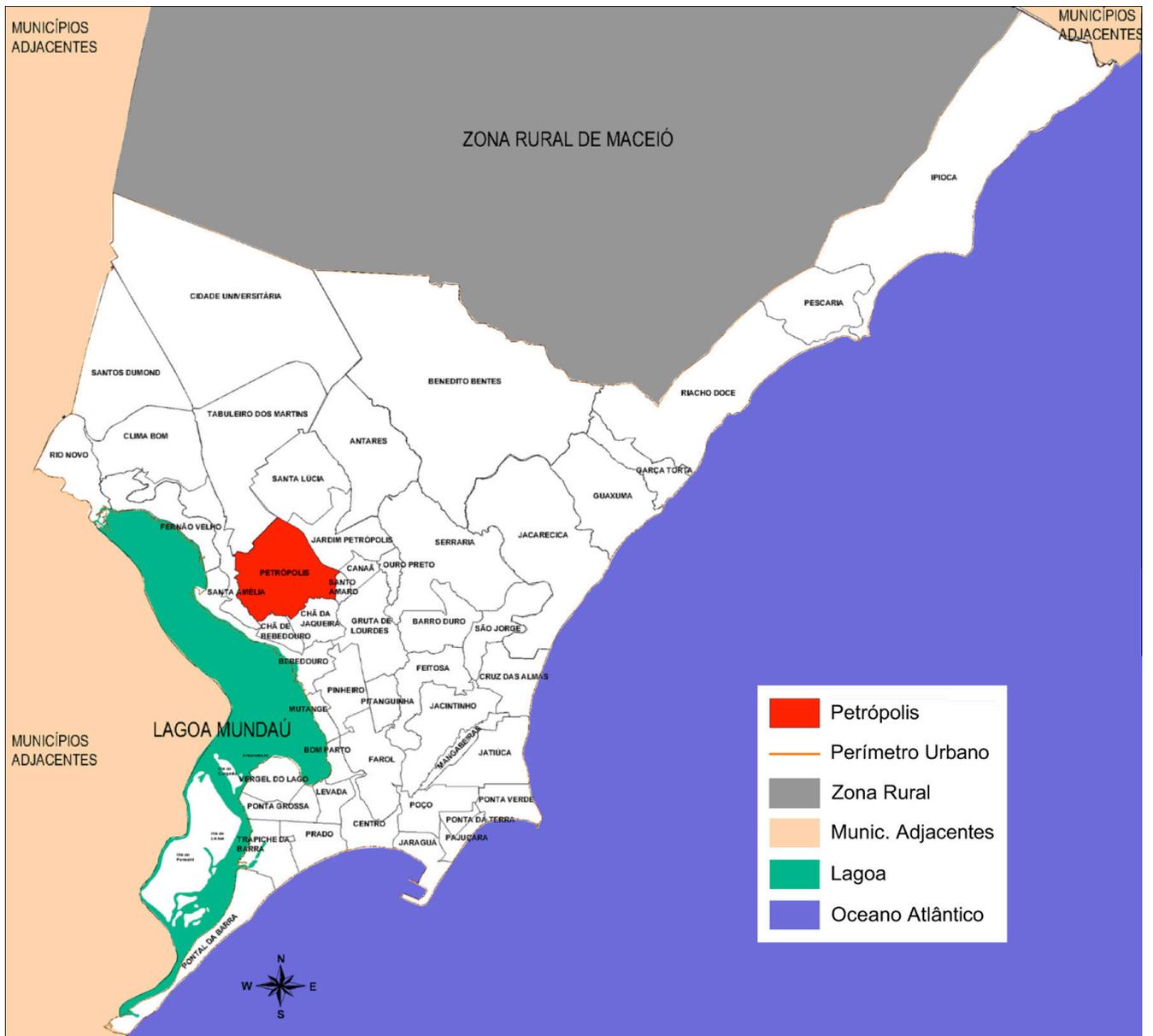


Figura 1: Localização do Bairro de Petrópolis em Maceió-AL. Fonte: Adaptação a partir da Base Cartográfica da Cidade de Maceió-AL, 2015.

Talvez por esse motivo, o Conjunto Vitória vem sendo, historicamente, objeto de disputas judiciais. Sua localização estende-se da Av. Galba Novaes de Castro e alcança encostas e vales da região, condição característica de muitos assentamentos – principalmente, os precários – no Município de Maceió (Figura 2).

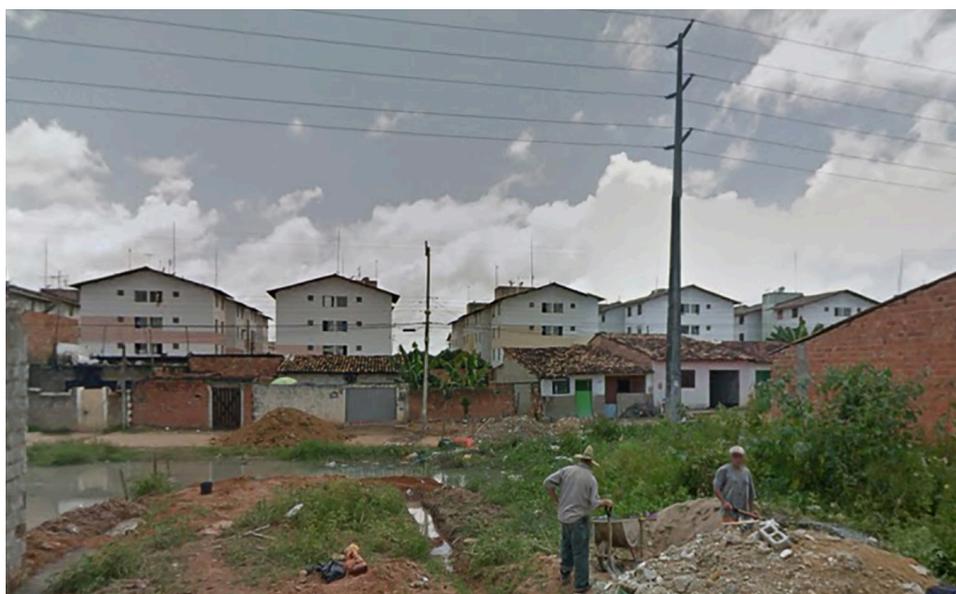
A ocupação ocorreu em várias etapas e o alinhamento das construções seguiu paralelo à rede de alta tensão (Figura 2). A proximidade dessa rede foi o argumento apontado pela Eletrobrás para justificar a remoção de algumas edificações devido aos alegados riscos inerentes àquela situação.

O início de ocupação não pode ser determinado precisamente. Entretanto, uma análise retrospectiva na plataforma *Google Earth*, demonstra que, em 2002, iniciava-se a ocupação da área. Analisando-se essas imagens, foi possível identificar uma ocupação inicial com algumas edificações, espaçadas, que respeitavam a faixa de domínio da rede elétrica (ALBUQUERQUE, et al. 2013).

Figura 2: Conjunto Vitória com indicação da rede de alta tensão.
Fonte: Adaptação a partir do *Google Earth*, 2015.

Figura 3: Em primeiro plano, casario alinhado com a rede de alta tensão. Ao fundo, blocos de apartamentos do Programa de Arrendamento Residencial.
Fonte: *Google Earth*, 2015.

Marcaram a história, a vida dos habitantes e do povoamento desta Região, momentos de incerteza e instabilidade. Tornaram-se frequentes as ameaças de despejo por reintegração de posse ou pressão de implantação de novos projetos habitacionais. Em 2005, por exemplo, um acontecimento significativo contribuiu para a ocupação do Vitória: o início da construção de um conjunto habitacional de 50 blocos de apartamentos, financiados com recursos do PAR – Programa de Arrendamento Residencial (Figura 3).



A modificação decorrente dessa novidade foi substancial no entorno, consequência da política municipal de adensamento na região, e acabou por atingir a ocupação informal das áreas circunvizinhas. Essas novas “margens”, franjas do Conjunto Vitória, que sofriam restrições “legais” de uso, passaram a ser ocupadas. Alguns moradores declaram que foram residir ali, enquanto trabalhavam na construção dos novos blocos de apartamentos.

Em 2008, as imagens do Google demonstram um grande crescimento dessa localidade. Nesta etapa, a área do assentamento já se assemelhava à sua configuração em 2013, apesar de ainda existirem espaços vazios entre as edificações e algumas construções inacabadas (ALBUQUERQUE, et al. 2013).

Entre 2005 e 2008, ocorreu a “invasão” relatada nas entrevistas. Não foi possível identificar a data com exatidão, mas o cruzamento de informações dos moradores com os dados disponíveis em jornais sugere que esse acontecimento tenha se dado no primeiro mandato do ex-prefeito de Maceió, Cícero Almeida (prefeito em dois mandatos consecutivos: de 2005 a 2008 e de 2009 a 2012).

Antes daquela ocupação maciça, residia, na região, um número pequeno de pessoas, como afirmam os entrevistados e como é possível verificar nas imagens de 2005. A porção inicial das construções respeitava a faixa de domínio da Eletrobrás e possuía uma característica de ruralidade, pois as residências eram organizadas em pequenos “sítios”.

Uma nova fase se iniciou com uma ocupação coordenada com ações clássicas: programação com convites e definição de hierarquia dos agentes mobilizados, demarcação de pequenos lotes, distribuição segundo a hierarquia pactuada, implantação de barracos de lona. Em seguida, adquirida maior confiança e estabilidade, deu-se início à construção de casas de alvenaria. Nesse momento, já não se respeitava a faixa de 15 metros de domínio da rede elétrica.

Essa época foi marcada também por ações para demolir as casas. Algumas delas foram retiradas e voltaram a ser construídas. Com a consolidação, o Conjunto Vitória passou a apresentar, predominantemente, casas de alvenaria, com energia elétrica fornecida e cobrada pela Eletrobrás. Sem saneamento (Figura 4), a água encanada passou a ser obtida por meio de ligações informais.

Em 2010, a área do Conjunto estava consolidada, inclusive embaixo da rede elétrica. A expansão passou a se dar, então, sobre as áreas de encosta. Ali, a maior parte das casas era feita de lonas e plástico, restos de madeira, telhas, placas metálicas, materiais diversos, recolhidos pelos novos ocupantes.

Em 2012, após um período de estabilização, ocorreu outra ação para retirar os moradores do Conjunto. Dessa vez, a ação partiu da Eletrobrás sob a justificativa do risco iminente à vida dos habitantes que se encontravam abaixo dos fios de alta tensão (TRIBUNA HOJE 2015). A indignação dos moradores se acentuava ao perceberem que, em outros bairros da cidade, a proximidade dos fios era permitida e legitimada. Algumas manifestações dos moradores foram notícia na imprensa local.

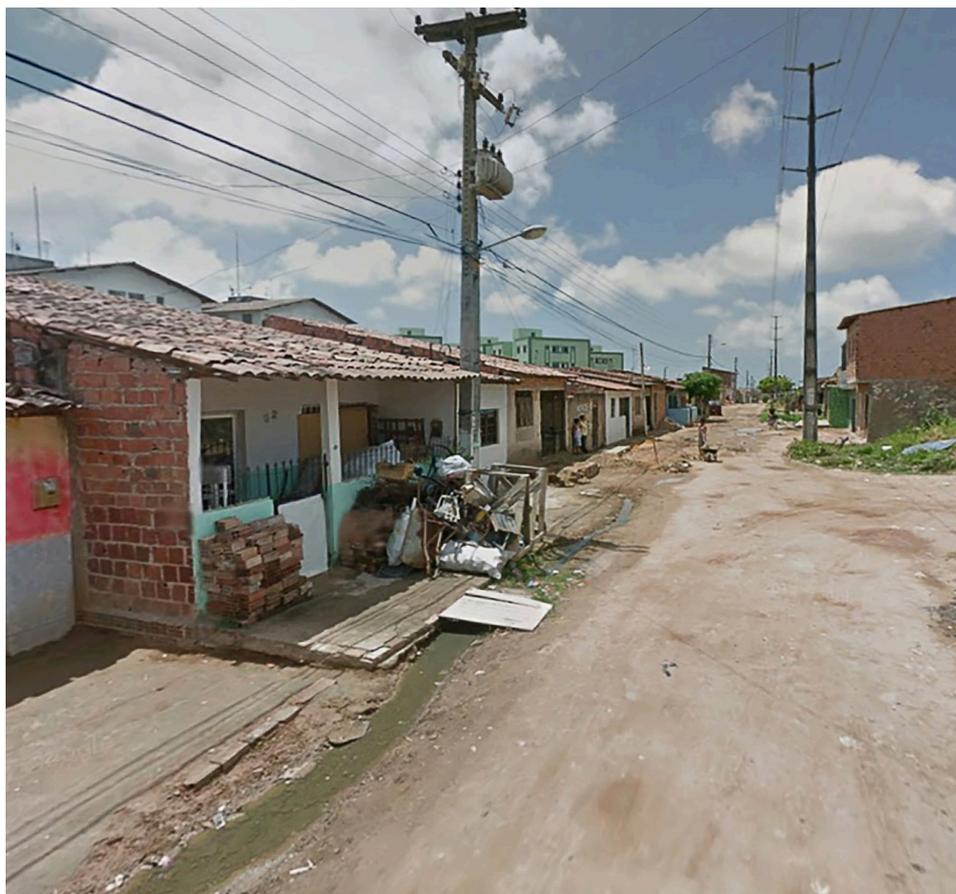


Figura 4: Esgoto e águas de chuva correndo em valas diante das casas no Conjunto Vitória.
Fonte: *Google Earth*, 2015.

¹ Para evitar expressões como autoconstrução, já que muitas casas são construídas por pessoas contratadas por seus proprietários, preferiu-se a expressão unidades "autogestionadas" para deixar aberta a possibilidades de múltiplas formas de gestão da construção da unidade residencial.

Caminhos para identificar redes socioespaciais no Conjunto Vitória

A adaptação de metodologias de identificação de redes sociais surgiu com o intuito de mapear essas relações que, muitas vezes, se constituem como formas mais consistentes de organização nesse tipo de assentamento, com baixo índice de organização política e pouca representação diante dos órgãos públicos.

O primeiro critério na definição do objeto empírico foi a opção por um assentamento autogestionado¹ por acreditarmos que, nessa situação, poderiam se evidenciar aspectos importantes relacionados à tecnologia social na construção do lugar. O segundo critério para a escolha do assentamento foi o risco de remoção. Pretendia-se, com a pesquisa, prestar um serviço aos moradores com quem trabalharíamos naquele período. Nossa contribuição seria a demonstração da importância das relações socioespaciais para justificar a permanência ou, caso os riscos à vida impusessem a remoção, apontar parâmetros de um projeto de configuração do assentamento de destino com a manutenção das redes, dentro do possível.

A tentativa inicial era a da aplicação dos questionários pelos próprios moradores, de forma a incentivar o seu protagonismo. Infelizmente, como acenamos, isso não foi possível.

Em nosso estudo sobre redes sociais, percebemos dois grandes tipos de organização: aquela centrada nas relações entre indivíduos – rede egocentrada – e aquela cujas relações se estabelecem entre instituições ou indivíduos e instituições – sociocentrada. As redes identificadas nesta pesquisa obedeceram aos parâmetros daquelas egocentradas com a especificidade de que cada agente correspondia a uma unidade habitacional.

Preferencialmente, os agentes a serem identificados nesse estudo, seriam as mulheres, mães de família, líderes de uma unidade habitacional, seguindo os parâmetros das políticas nacionais de habitação que as consideram suas beneficiárias em caso de posse. Esse parâmetro não se verificou 100% no Conjunto Vitória. A identificação seguiu a quantidade de citações dos moradores mais convergentes, o que nem sempre direcionou as entrevista para as mulheres.

O questionário elaborado para a descrição das redes socioespaciais do Conjunto Vitória, nesta pesquisa, continha um elenco de perguntas relacionadas ao tema da habitação, categorizadas em nove eixos temáticos: migração, construção, cuidados com a família, trabalho e renda, trocas financeiras (empréstimo), serviços urbanos, mobilidade, comunicação e pertencimento.

Esses eixos foram justificados a partir de referenciais teóricos aprofundados largamente na comunidade científica e discutidos nos debates sobre a amplitude da noção de habitação. Incluem desde temáticas relacionadas à construção da unidade habitacional até a noção de identidade e pertencimento, passando pela assistência social e outros serviços urbanos que envolvem a questão da moradia.

No recorte definido pela metodologia empregada nesta pesquisa, para delimitação da amostra final, selecionamos as unidades habitacionais que eram passíveis de retirada, pois, avançavam categoricamente sob a faixa de domínio da rede elétrica de alta tensão e se tornaram alvo de processos judiciais em favor de sua retirada. Sua condição caracterizava-se tanto pelo risco à vida dos residentes quanto pelo risco de perda de suas moradias.

Obviamente, havia o entendimento de que as redes socioespaciais do Conjunto Vitória não se restringem “àquela faixa”, portanto, extrapolam o espaço delimitado como de segurança em função da rede elétrica, portanto esperavamos que fossem indicados, na rede de sociabilidade, também indivíduos que não se enquadravam nessas condições.

Cada entrevistado poderia citar, no máximo, nove pessoas (unidades residenciais) do Conjunto, com as quais estabelecia algum tipo de relacionamento. Também foram avaliados o grau proximidade do relacionamento e a frequência de contatos realizados.

Resultado parcial

Aqui, apresentamos uma análise qualitativa. Estudamos o caso de maior articulação, a unidade residencial 52D. Nesse estudo, percebemos aspectos das relações que não se revelaram na pesquisa quantitativa. Estudamos um caso na perspectiva de contribuir para uma generalização, mediante a verificação da ocorrência dos achados em outros casos.

Para a pesquisa qualitativa, como o planejado, realizamos entrevistas semiestruturadas com a própria moradora, referência do domicílio 52D, além dos participantes de sua rede de sociabilidade (Tabela 1).

Mais de um ano se passou entre o levantamento dos dados quantitativos que permitiram a identificação das redes socioespaciais e as entrevistas da pesquisa qualitativa. Nesse período, diminuiu a pressão da Eletrobrás em relação às remoções. O hiato temporal foi importante para avaliar a estabilidade de alguns laços identificados na primeira fase.

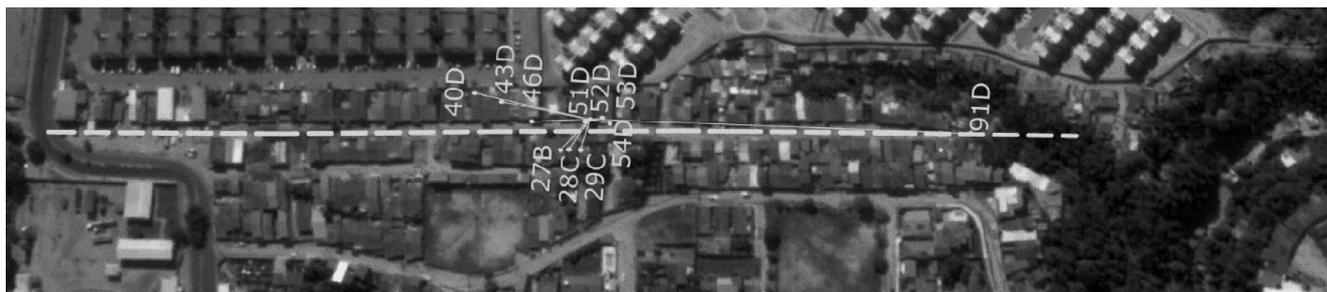
Um dos fatores que a pesquisa confirmou do cenário inicial, em conformidade com a teoria, foi o fato da antiguidade, no assentamento, do domicílio 52D, ter contribuído para que ele fosse apontado como âncora. Nas redes, a antiguidade é fator importante a ancoragem. A maioria dos autores da base teórica desta pesquisa afirma que moradores mais antigos tendem a ser referência para os que chegaram depois ao local.

Passado esse tempo e modificado o cenário, só estavam disponíveis para as entrevistas, nos diversos dias e horários de visitação, representantes de quatro dos dez domicílios (27D, 43D, 53D e 54D), além do representante do domicílio 52D. O representante do domicílio 28D, dessa vez, recusou-se a participar; os representantes dos domicílios 51D e 29D haviam mudado de endereço conforme os vizinhos.

Tabela 1: Domicílios que integram a rede de sociabilidade do "52D" com os temas citados no questionário. Fonte: Autores, 2015.

Figura 5: Localiza o dos domicílios da rede 52D. Adapta o a partir do *Google Earth*, 2015.

Tabela 1		
Domic�lio	Citado por	Nos temas
52D	27B	Comunica�o
	28C	Comunica�o, pertencimento
	29C	Comunica�o, trocas financeiras
	40D	Comunica�o, migra�o
	43D	Comunica�o
	46D	Comunica�o, mobilidade
	51D	Comunica�o, servi�os urbanos
	53D	Comunica�o, migra�o, trocas financeiras, mobilidade
	54D	Comunica�o, migra�o, cuidados com a fam�lia, trocas financeiras, servi�os urbanos, pertencimento
	91D	Comunica�o



Os representantes dos domicílios 40D, 46D e 91D não foram encontrados, mesmo com visitas aos seus representantes em locais de trabalho, nos horários de expediente, e nas casas, em fins de semana e à noite. Essa dificuldade de contato com os outros participantes da rede identificada anteriormente já demonstra a volatilidade natural dos laços constitutivos das redes sociais.

À luz do conceito de comunidade, construído por Bauman (2001), a rede com a qual nos deparamos é embrionária, pelo exíguo compartilhamento da história entre seus componentes. Isso seria previsível porque ela é recente, logo, muitos de seus membros não vivenciaram os momentos definidores do assentamento. Os projetos são parcamente partilhados; só se verifica construção coletiva de soluções para problemas imediatos. Faltam estruturas organizativas que viabilizem uma visão de futuro comum. A noção de crise, com o risco da remoção, anunciada pela Eletrobrás, foi um catalisador no início dos nossos trabalhos com aqueles moradores.

Por se tratar do domicílio mais antigo, dentre os mais citados e por sua reconhecida participação nos eventos mais marcantes na história daquela localidade, entendemos que a representatividade do domicílio 52D perpassa questões tocantes aos eixos adotados neste trabalho. O número de citações, sem dúvida, foi um dos fatores mais determinantes para a escolha desse domicílio como exemplar na pesquisa qualitativa.

Para a análise e interpretação dos dados coletados, utilizou-se, como critério para a categorização das relações de troca, os tipos descritos por Baudrillard (BAUDRILLARD, Para uma Crítica da Economia Política do Signo 1972): Valor de Troca Econômica, Valor de Troca Simbólica e Valor de Signo, ou Sínico. O Valor de Uso, também descrito por Baudrillard, ficou fora da nossa categorização por motivos que vamos expor a seguir. Diante desse quadro, as entrevistas foram transcritas e na análise dos textos destacaram-se expressões que evidenciassem os valores concebidos no referencial teórico.

O Valor de Troca Econômica, para Baudrillard (1972), é aquele que, embora possa associar a si outras variáveis, caracteriza-se predominantemente pela lógica do mercado e ocorre quando um objeto pode ser substituído por outro, sendo mais perceptível no emprego do dinheiro. E aqui, o dinheiro opera como um tradutor de valor (FOUCAULT 2007): quanto vale um serviço em relação a um bem? O dinheiro é o que determina este valor dentro de um determinado contexto.

O Valor de Troca Simbólica estaria associado a um significado específico segundo o qual, um mesmo objeto adquire valores distintos porque passa a representar diferentes relações interpessoais. Thiry-Cherques (2010) sintetiza a posição de Baudrillard sobre o consumo, o fetiche, a racionalidade do simulacro, a lógica dos códigos e o trabalho hiper-real na economia e na sociedade contemporâneas, quando afirma que um objeto possui um valor simbólico, além do valor de uso e do valor de troca (econômica).²

O Valor de Signo ou Valor Sínico, de acordo com Baudrillard (1972), é aquele atribuído a um objeto tido como um mito, que assume o papel de conferir *status* a quem o possui. Este tipo de valor se evidencia quando conduz a uma estratificação. O Valor Sínico se verifica quando um bem é usado para promover uma diferenciação que vai muito além de sua utilidade, preço e suas relações simbólicas.

² Para Baudrillard (1972), o melhor exemplo do valor simbólico dos bens é o presente. Seu valor não está no preço, na utilidade ou no status que oferece, mas na relação entre aquele que dá o presente e aquele que o recebe. É a materialização de uma relação. O valor simbólico pode estar associado à materialização de uma experiência positiva, como é o caso do presente, ou negativa como é o caso dos campos de concentração que foram mantidos como museus e adquiriram o valor simbólico de um alerta para que não se repita aquela vilania e tragédia no caminhar da humanidade

O Valor de Uso, categoria também conceituada por Baudrillard, não aplicada isoladamente nesta pesquisa qualitativa. Essa categoria se evidencia na dimensão funcional do bem. E em situações de extrema pobreza, como é aquela encontrada no Conjunto Vitória, mesmo quando um objeto perde utilidade para a função inicial, é facilmente reaproveitado. Quando um objeto perde totalmente a sua capacidade utilitária, dificilmente é mantido, logo, o valor de uso permeia todos os demais.

A partir dessa compreensão, é importante salientar que as relações de troca não são regidas por uma única categoria de valor. Exatamente por isso, na leitura das entrevistas, buscou-se, caracterizá-las segundo as categorias predominantes conforme o referencial teórico de base.

Para a identificação desses tipos de valores, procurou-se nas falas dos entrevistados expressões que pudessem caracterizá-las Tabela 2.

Ainda como critério de análise, determinamos que, dentre as relações citadas pelos entrevistados, seriam avaliadas somente aquelas que ocorrem no âmbito do Conjunto Vitória. Entendemos que as relações travadas fora desta localidade não eram representativas dentro do recorte da pesquisa, cujo foco é as relações na localidade da habitação. Isso porque, no nosso entendimento, elas possivelmente não sofrem influência de elementos como a proximidade ou a vizinhança; são simplesmente laços que se mantém apesar da distância espacial, que bem podem ser objetos de outros estudos.

Tabela 2: Exemplo de expressões usadas em falas dos entrevistados que denotem valoração. Fonte: O Autor, 2015.

Tabela 2				
Valor Econômico	Noções de Trocas Econômicas			
	Compra	Empréstimo	Dívida	Serviço (remunerado)
Valor Simbólico	Noções de Relação Partilhada			
	Memória afetiva	Reconhecimento	Amizade	Apoio
Valor Sígnico	Noções de Diferenciação			
	Superioridade	Inferioridade	Fausto	Penúria

Tabela 3					
Domicílio	Sexo	Estado Civil	Nº de Residentes no Domicílio	Atividades	Tempo no Conjunto
52D	Fem.	Casada	6	Lavadeira	+ 10 anos
53D	Fem.	Casada	5	Comercializa cosméticos	+ 7 anos
54D	Fem.	Separada	3	Costureira	+ 4 anos
43D	Masc.	Casado	4	Aposentado	+ 2 anos
27B	Masc.	Casado	0	Comercializa gaiolas	+ 10 anos

Tabela 3: Perfil dos entrevistados pertencentes a rede socioespacial de sociabilidade do domicílio "52D". Fonte: O Autor, 2015.

Análise das entrevistas

Os entrevistados fazem parte da rede de sociabilidade do Domicílio 52D que contempla 10 domicílios (27B, 28C, 29C, 40D, 43D, 46D, 51D, 53D, 54D e 91D), porém, só foi possível a realização de entrevistas com representantes de cinco domiciliados (Tabela 3).

Conforme observamos, durante o período da pesquisa, os representantes do domicílio 52D, esteve no centro das relações de troca e assumiu características e motivações que, seguramente influenciaram a relações intrínsecas no Conjunto Vitória e seu relacionamento no contexto da cidade. Aqui, apresentaremos os resultados obtidos nas entrevistas conforme os valores de troca, simbólicos e sîgnicos evidenciados.

Valor de Troca Econômica

Foi evidenciado nas entrevistas aos domicílios: 52D, 53D, 54D e 27B.

a) Depoimento do Domicílio 52D

A domiciliada solicitou a seu vizinho que alugasse uma casa ao lado, no Conjunto Vitória, para um filho dela que havia casado. Esta fala demonstra que a entrevistada apoiou-se na confiança existente em suas relações para concretizar uma troca econômica. Esse tipo de valor de troca também ficou evidente quando o esposo da domiciliada do 52D teria adquirido um quarto no Conjunto Vitória e depois teria repassado o imóvel. A entrevistada também teria comprado uma televisão a um vizinho.

Outra relação de evidente de troca econômica ocorreu quando a entrevistada afirma ter contratado a filha de outra domiciliada do Conjunto para tomar conta dos filhos. Em depoimentos como esse, revela-se a forte relação de troca socioespacial entre vizinhos, com a contratação de serviços, como ocorreu também quando a domiciliada contratou, como pedreiro, o esposo da domiciliada do 53D.

Desses relatos, entende-se que, em situações de precariedade e vulnerabilidade social, a troca de ativos econômicos exige um maior nível de confiança. Para Brumes e Whitacker (2008), a ação humana, na sociedade de mercado, é um reflexo da apropriação e controle de recursos escassos pelos sujeitos sociais. Recursos esses natural e socialmente produzidos, como também capazes de deixar sua marca no espaço urbano.

b) Depoimento do Domicílio 53D

Identificamos características do valor de troca econômica nas relações do Domicílio 53D, quando a entrevistada daquele domicílio afirmou vender produtos cosméticos no Conjunto Vitória. Contudo, ela fez questão de enfatizar o número limitado de pessoas com as quais é possível estabelecer relações comerciais seguras na localidade. A domiciliada 53D afirmou vender seus produtos somente aos parentes, com a justificativa do receio de não obter o pagamento.

Afora os familiares, a domiciliada do 52D foi a única citada na entrevista, o que confirma a centralidade daquele domicílio na rede estudada. Outro tipo de intercâmbio no qual o valor econômico ficou explícito ocorreu quando a entrevistada confirmou que seu esposo teria sido contratado para reformar a casa da domiciliada do 52D.

Esta constatação demonstra o importante papel de intercâmbio promovido nas redes sociais em assentamentos precários. Um intercâmbio que ameniza o quadro de precariedade social e econômica, conforme Lomnitz (2009). A percepção de uma maior confiabilidade entre vizinhos e famílias também é sublinhado por Fontes e Eichner (2004), na análise de redes egocentradas em um assentamento precário no Recife, PE. Ali, segundo os autores, a maior parte dos vínculos envolve pessoas da própria comunidade, sendo mais frequentes entre vizinhos e parentes.

c) Depoimento do Domicílio 54D

No relato da entrevistada do domiciliado 54D, observa-se esse tipo de valor de troca tanto na compra quanto na venda de produtos e serviços. Desde a chegada da domiciliada 54D ao Conjunto Vitória, a troca econômica se evidenciou, quando a entrevistada afirma ter comprado a casa onde reside de um morador da localidade. Para reformar a casa, a entrevistada afirma ter contratado um vizinho, no caso, o esposo da domiciliada do 53D.

Foi possível observar outra relação de troca, orientada pela lógica de mercado, quando, durante a entrevista, alguém bateu à porta para lhe entregar cosméticos, segundo ela, adquiridos à vizinha do 53D. Dentre os serviços que a entrevistada oferece no Conjunto, está o conserto de roupas que, segundo ela, todo mundo contrata, e ela realiza a um preço mais acessível para a clientela por ela descrita como "mais carente".

A domiciliada do 54D afirma que também foi contratada para fazer faxina na casa de um vizinho próximo.

d) Depoimento do Domicílio 27B

Nas entrevistas ao domicílio 27B, também desponta a relação de troca econômica. O entrevistado contou que tem um ponto de venda de gaiolas na localidade, porém, seria inexpressiva a venda desse produto dentro do Conjunto Vitória porque, segundo o proprietário do negócio, os moradores não têm condições financeiras de adquirir esse tipo de bem.

Na rede do Domicílio 52D, destaca-se, portanto, uma relação de troca econômica entre os seus membros, bem como desses com os demais moradores do Conjunto. Isso porque essas relações sofrem influência da distância entre os moradores e ocorrem na perspectiva da retribuição de favores (COX e RANK 1992). As relações intrafamiliares foram mais recorrentes nesse tipo de pacto, porque, em geral, são menos vulneráveis.

Por outro lado, as entrevistas denotaram falta de confiança existente, já que algumas relações econômicas não ocorrem no Conjunto porque há o já reportado receio da inadimplência. Como diz Carneiro (2008), indivíduos tendem a manter relações nas quais há um equilíbrio entre a assistência recebida e aquela oferecida. Isso evitaria sentimentos de exploração ou de endividamento e despertaria a reciprocidade nas relações, fator importante para a continuidade nas redes sociais.

Aspectos da Troca Simbólica na rede 52D

Ao analisar os depoimentos, observa-se que, em todos eles, há identificação clara de valor de troca simbólica e de relação simbólica associada à troca econômica.

a) Depoimento do Domicílio 52D

Na entrevista realizada com a domiciliada no 52D, ficou nítido o valor de troca simbólica em suas relações desde a sua chegada no Conjunto, incentivada pelo convite de um amigo que teria sido um dos primeiros ocupantes do lugar. Esse amigo teria ajudado a construir o domicílio 52D, com o empréstimo do cartão de crédito para a aquisição dos tijolos. Esse pioneiro da ocupação do Conjunto Vitória não permaneceu no assentamento, mas teria mantido um conjunto de lojas no local, conforme a domiciliada do 52D.

A relação com esse pioneiro também teria influenciado a fixação da domiciliada do 52D no local. A esposa desse pioneiro teria lhe repassado sobras de comida e ele mesmo teria proporcionado uma vaga de trabalho em uma loja dele no Centro de Maceió para um dos filhos da domiciliada do 52D. Quando casou, esse filho teria ganhado um fogão e uma televisão do vizinho "pioneiro", que também exercia o papel de conselheiro da entrevistada.

Outra relação em que fica caracterizado o valor simbólico envolve o fato de vizinhos deixarem a chave de suas casas com a domiciliada do 52D, quando se ausentam, o que demonstra uma relação motivada pela confiança. Porém, não fica claro se há

uma relação de reciprocidade na vizinhança. Isso porque a domiciliada do 52D afirma que não confia em deixar a chave da sua casa com aqueles cujas chaves ela guarda. A domiciliada do 52D diz que só deixa a chave com a domiciliada do 53D.

Observa-se que a domiciliada do 52D é sempre ajudada pela domiciliada do 53D, a quem, quando se ausenta, confia também os filhos em detrimento do esposo, supostamente alcoólatra. Em duas situações nas quais necessitou ser hospitalizada, a domiciliada do 53D teria cuidado do filho da domiciliada do 52D, um recém-nascido de 15 dias. A vizinha inclusive teria acalentado e acalmado o bebê, numa clara demonstração de troca simbólica.

Percebe-se, ainda, que a domiciliada do 52D tem outras “ajudas” para lidar com o esposo alcoólatra, tanto da domiciliada do 53D quanto do esposo dessa vizinha. Esta última é citada como “amiga” e confidente da entrevistada inclusive sobre o drama da perda da guarda de uma filha adolescente. Conforme a entrevistada, a vizinha do 53D a tem até mesmo acompanhado ao fórum para tratar da revisão da guarda dessa sua filha, situações que causam tristeza e revolta. No apoio moral e emocional oferecido por essa vizinha do 52D, evidencia-se outra vez a troca simbólica.

Os relatos citados da relação do domicílio 52D guardam estreita relação com a noção de valor de simbólico descrito por Baudrillard (1972) quando enfatiza as relações afetivas de suporte e cuidado de uns para com os outros indivíduos.

b) Depoimento do Domicílio 53D

A dimensão simbólica na troca também é percebida nas entrevistas à representante deste domicílio e antecede à sua chegada ao Conjunto Vitória. Ela relata que, para construção e reforma da casa onde mora, herança de sua sogra, foi indispensável a ajuda dos vizinhos. Em outro trecho do relato da domiciliada do 53D, é possível perceber a reciprocidade que rege sua relação com a vizinhança. O auxílio nos cuidados com a saúde é um dos valores de troca. Ela conta que a ajuda mais frequente é a troca de informações sobre a disponibilidade dos serviços médicos.

Em sua relação com o domicílio 52D, âncora dessa rede, a domiciliada do 53D refere uma relação de amizade, diálogo e confiança. A entrevistada confirma ter cuidado do filho desta vizinha no período em que ela ficou doente e acrescentou que também a irmã dela (da entrevistada) fez o mesmo quando a domiciliada do 52D foi internada em outra ocasião.

c) Depoimento do Domicílio 54D

Nas entrevistas da domiciliada do 54D, detecta-se valor de troca simbólica quando ela cita sua relação com um padre que teria adquirido uma casa no Conjunto Vitória. Ela cita a distribuição de um “sopão” do qual participa toda semana, a distribuição de cestas básicas e, ainda, a realização de casamentos, batismos e a catequese.

A domiciliada do 54D relatou que recebe ajuda de vizinhos quando adoece. Segundo ela, eles preparam chás, trazem remédios ou providenciam transporte em casos de emergência. Cita o dia em que a mãe dela passou mal e um vizinho a levou para a emergência.

Porém, foi no relato sobre as relações familiares que o valor de simbólico ficou mais evidente neste domicílio. A mãe da domiciliada do 54D é citada como amiga. Como a anciã mora sozinha, a entrevistada afirma que é o filho dela de 14 anos quem dorme com a avó. A entrevistada acrescenta que é ajudada financeiramente pela mãe e que partilha alimentos com ela (ovos, galinhas e frutas cultivadas no quintal de casa). Além disso, diz que coleta latas de alumínio para a mãe vender. A domiciliada do 54D conta que também vigia a casa da mãe quando esta se ausenta.

d) Depoimento do Domicílio 43D

Detecta-se que a troca de valor simbólico teria ocorrido antes mesmo da chegada do domiciliado do 43D ao Conjunto Vitória, quando um vizinho limpava o mato que crescia na casa onde reside, naquela época, pertencente ao filho do entrevistado.

O entrevistado, representante deste domicílio, pertencia a um grupo ligado à Igreja Católica que o ajudou a resolver problemas, dentre eles, junto aos Correios. Aqui, a solução de impasses conecta-se ao sentido de pertencimento a um grupo, o que facilita a permanência no Conjunto Vitória e o enfrentamento de impasses relativos à apropriação do lugar e ao convívio na cidade.

e) Depoimento do Domicílio 27B

O entrevistado do domicílio 27B tem uma clara e forte relação simbólica com os vizinhos, uma vez que considera que se os vizinhos não incomodarem, já é uma “ajuda”. O entrevistado afirma que, ao longo dos anos, construiu muitas amizades no Conjunto Vitória, mas também inimizades. Nas ajudas que proporciona, cita o empréstimo de ferramentas e uma bicicleta. Também recebe ajuda do “vizinho da frente”, por exemplo. E ainda, segundo ele, há uma vizinha que vigia o seu estabelecimento de comércio, quando necessário.

Conclui-se, neste contexto, que há uma relação simbólica na rede do Domicílio 52D caracterizada pela relação de pertencimento e de confiança. Porém, o que se observa, principalmente, é que esse domicílio trava uma expressiva relação de troca simbólica com a vizinha, do 53D, que estaria sempre presente em momentos importantes da vida da domiciliada do 52D.

Aspectos do Valor Sígnico na rede 52D

Foi nas entrevistas dos domicílios 52D e 43D, que vieram mais em relevo elementos que evidenciaram valor de sígnico nas relações. Este tipo de valor é o que melhor define a sociedade de consumo porque se fundamenta na diferenciação. Em síntese, o que se sabe é que a sociedade de consumo nada teria a ver com consumo de bens, mas com a diferenciação entre os indivíduos que os adquirem.

a) Depoimento do Domicílio 52D

Podemos observar, no depoimento do domicílio 52D, uma forte diferenciação sígnica em suas relações de troca, quando a entrevistada se coloca como aquela que tem uma vida mais difícil do que a dos vizinhos. Ela diz: “os vizinhos que moram aqui

não têm a vida que eu tenho não. Eu acho que é mais fácil para eles”[...] “porque a minha vida é a pior de todas”.

Esse status de inferioridade reflete a percepção da domiciliada do 52D a respeito de sua vida. Afinal, a lógica estrutural da diferenciação produz indivíduos como “personalizados”, isto é, como diferentes uns dos outros, mas em conformidade com modelos gerais e de acordo com um código aos quais se conformam. (BAUDRILLARD 2005, 93)

Em vários trechos, a entrevistada ressalta sua situação de pobreza, enfermidades, o esposo “doido” e supostamente alcoólatra e a perda da guarda da filha, envolvida com “droga”, como justificativas para o tormento, a “tribulação” e o “sofrimento” em que vive. A entrevistada também menciona o fato de ter participado da “invasão” do território e da resistência à polícia.

b) Depoimento do Domicílio 43D

O entrevistado acredita ser visto de forma diferenciada pelos seus vizinhos. Explica que, para os vizinhos, ele é rico por ter construído a casa rapidamente e ter uma moradia melhor que a maior parte dos moradores do Conjunto Vitória. O domiciliado do 43D deixa transparecer que se julga superior aos vizinhos e teria sido por isso que elegeu-se presidente da Associação dos Moradores do Conjunto, “mesmo sendo novato”.

O entrevistado afirma que comanda a Associação “sozinho”, que sai “atrás de recursos” e que conseguiu até o apoio de um deputado. O deputado teria encaminhado um advogado para defender a manutenção do Conjunto. Considera-se bom porque não cobra “gasolina” de ninguém para buscar benfeitorias para o conjunto. Em outro trecho da entrevista, conta que ter um carro também é sinal de *status* no Conjunto Vitória. Outra demonstração dessa superioridade foi o fato de que, durante a ordem de despejo da Eletrobrás, mesmo que o entrevistado ainda não morasse no lugar, teria cativado o oficial de justiça que teria lhe fornecido orientação para evitar a desocupação.

O representante do domicílio 43D acrescenta que é aposentado como torneiro mecânico, profissão do ex-presidente Lula e diz que ainda vai ser “presidente”. Até mesmo sua profissão, nesse caso, lhe conferiria destaque. Orgulha-se ao afirmar que não quer que sua mulher trabalhe “em cozinha de ninguém”. O entrevistado promove-se afirmando ter relacionamentos com pessoas em espaços mais qualificados, fora do Conjunto, como no Tribunal de Justiça. O domiciliado do 43D destaca que jogava pelo time do Tribunal e que foi lá que começou a entender da “coisa jurídica”.

Na fala do morador do Domicílio 43D, fica claro que *“o consumo escoa a virulência social educando as pessoas na disciplina inconsciente de um código e de uma cooperação competitiva no plano do sobredito código levando-as a entrar nas regras do jogo”*. (BAUDRILLARD 2005, 95)

Os dois casos apresentados demonstram que a rede do Domicílio 52D, apresenta elementos claros de valor sógnico nas relações entre os seus nós. Com diferentes estratégias, os três entrevistados buscam uma condição de diferenciação na busca de melhores resultados em suas trocas. Cada um, ao seu modo, consome a própria

imagem e demonstra certo domínio na administração dos códigos que balizam o aspecto sógnico das relações no Conjunto Vitória. Cada um, à sua maneira, partilha a luta pela permanência e o anseio da estabilidade dos demais moradores do lugar.

Considerações finais

No Conjunto Vitória, alguns estudos revelaram que, dentre suas redes pessoais, prevalece a existência de redes horizontais com manifestações de solidariedade, reciprocidade e confiança e, nas suas redes verticais, destacam-se sistemas simbólicos de poder, assistencialismo e clientelismo.

Ao analisar a rede do domicílio 52D, observou-se a existência de relações regidas pelo valor de troca (econômica) entre os seus nós, bem como desses com a comunidade, e, ainda, a prevalência do altruísmo e da reciprocidade, como motivação, muito observada entre os membros da família, neste caso entre mãe e filha.

Observou-se, também, que, nas relações econômicas entre os nós e a comunidade, há uma fraca relação de confiança e de reciprocidade, uma vez que quase todos os nós afirmaram que não comercializam seus produtos no Conjunto como um todo. Isto nos leva a concluir, com este estudo, que as relações que envolvem recursos financeiros são difíceis de se firmarem, quando se trata de garantir a reciprocidade, naquela localidade.

Concluiu-se ainda que, na rede, objeto deste estudo, o valor de uso perpassa todos os demais valores nas relações travadas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade e vice-versa. Um valor percebido no empréstimo de crédito pessoal para compra de material, na utilização comum de computadores, no compartilhamento do acesso à internet, na troca de ferramentas, na doação de utensílios domésticos, medicamentos e alimentos, muito fortemente observada especialmente entre membros de uma mesma família. O altruísmo e a reciprocidade aparentam estar na base do ensinamento de serviços domésticos e na prestação de serviços gratuitos.

Na investigação de relações regidas pelo valor de signo, concluiu-se que a rede estudada possui uma forte e expressiva relação de valor de *status* entre seus componentes, bem como desses para com a comunidade. Na análise da entrevista da “âncora”, cuja rede de sociabilidade é o grande foco desta pesquisa, notou-se que a mesma se percebe em condição inferior aos vizinhos e é percebida, também, como inferior pela família que a descreve como “mendiga”. Esta condição de inferioridade se constitui em valor sógnico, porque confere à entrevistada uma diferenciação, em relação ao conjunto, com atributo de *status* e ganho de notoriedade e lucros relacionais devido a essa condição, apesar do estigma que acompanha esse ganho.

O valor de signo também foi observado entre os membros “nós” da rede estudada, quando se constatou que eles se consideram mais em vantagem em comparação aos demais indivíduos da comunidade, seja em relação aos bens materiais, seja no nível de escolaridade, no entendimento dos contextos com agentes externos ao conjunto, na liderança, na capacidade de entender e resolver os problemas da comunidade, seja ainda nos relacionamentos internos e externos e até no exercício da profissão.

No que diz respeito à relação de valor de troca simbólica na rede estudada, observou-se que ela é presente entre seus nós com a comunidade, quando o domicílio âncora guarda a chave de vários domicílios da vizinhança, concessão motivada pela confiança dos vizinhos, contudo, sem a esperada reciprocidade. O domicílio âncora apoia-se sobre uma expressiva relação de troca simbólica com uma vizinha em particular, que sempre esteve presente em momentos importantes e desafiadores da vida da entrevistada - períodos de doença, de necessidade de ajuda com os filhos, de desabafo de questões familiares. A domiciliada-âncora da rede estudada demonstra receber apoio moral e emocional em uma clara motivação altruísta por parte da citada vizinha.

Portanto, conclui-se que, na rede do domicílio 52D, âncora e foco deste estudo, desenvolvido junto ao Conjunto Vitória, há relações de troca, de uso, de signo e simbólica, motivadas pelo altruísmo e muitas delas aliadas ou não à reciprocidade, entre os seus nós e entre eles e a comunidade.

É, porém, a construção de formas antagônicas do valor sógnico que mais chama atenção nesta pesquisa. Além da volatilidade das redes que, no caso estudado – via de regra - contribui para a variação de papéis entre os atores envolvidos, os quais passam de uma condição inferior a um status mais elevado em pouco tempo de convívio, a depender de seus ativos nas relações de troca.

A volatilidade das redes está relacionada à própria precariedade e, ainda, à condição de informalidade da ocupação, fatos que acabam desmotivando a permanência no local. Porém, entende-se que a estabilização do próprio assentamento pode produzir, também, redes sociais mais estáveis, nas quais as relações puderam evoluir e constituir-se em um vínculo mais forte. Passariam de simples interações ao companheirismo e assim por diante.

No nosso entender, exatamente por sua vitalidade e capacidade de evolução, as redes sociais devem ser consideradas na formulação de políticas públicas. E, nesse caso, um acompanhamento temporal desse fenômeno é primordial para entender de que forma elas se mantêm e quais os elementos que contribuem para sua continuidade e desenvolvimento.

Este trabalho aponta para a possibilidade de outras pesquisas a fim de discutir a aplicabilidade de seus achados para o estudo da habitação e para as políticas da habitação social.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, A. M. G., A. A. de ALBUQUERQUE, G. V. PEIXOTO, e L. de OLIVEIRA MARTINS. "A Análise das Redes Sociais e o Protagonismo Comunitário: o caso Jardim Vitória, Maceió (AL)." In: *Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação*, 2013.
- BAUDRILLARD, Jean. *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*. Lisboa: Edições 70, 1972.
- _____. *Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- BRUMES, K. R., e A. M. WHITACKER. "Redes sócio-espaciais e migrações em cidades médias: Um estudo de Uberlândia – MG." *XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 2008.
- CARNEIRO, M. da P. A. K. B. "A percepção das mulheres beneficiárias do programa bolsa família sobre a sua implementação em Viçosa-MG." *Dissertação de Mestrado*. Viçosa, Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa, 2008.
- COX, D., e M. R. RANK. "Inter-vivos transfers and intergenerational Exchange." *The Review of economics and Statistics*, 1992: p. 305-314.
- FONTES, B., e K. E. EICHNER. "A formação de capital social em uma comunidade de baixa renda." *REDES*, 2004: p.1-33.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciencias humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LOMNITZ, Larissa Adler. *Redes Sociais, Cultura e Poder*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.
- MACEIÓ, Prefeitura Municipal. *Plano Diretor*. Maceió, Alagoas, 2006.
- MACEIÓ, Secretaria Municipal de Assistência Social. *Pesquisa de Mapeamento e Qualificação da Exclusão Social dos Territórios de Abrangência dos CRAS de Maceió – AL*. Maceió, Alagoas, 2012.
- THIRY-CHERQUES, H. R. "BAUDRILLARD: Trabalho e Hiper-realidade." *RAE-eletrônica*, 2010.
- TRIBUNA HOJE. *Moradores situados ao redor de subestação realizam protesto*. 03 de Julho de 2015. <<http://www.tribunahoje.com/noticia/24328/cidades/2012/04/19/moradores-situados-ao-redor-de-subestacao-realizam-protesto.html>>.

Recebido [Abr. 07, 2018]

Aprovado [Jul. 21, 2018]